

Sílvia Wichan*

Universidade do Porto, ILCML

Carson, Anne (2024), *1 = 1, in Wrong Norma*. New Directions Publishing Corporation, 192 páginas, ISBN 9780811230346.

A poetisa, classicista e ensaísta canadense Anne Carson publicou, em 2024, *Wrong Norma*, seu mais recente livro, após um hiato de oito anos desde *Float* (2016). Neste compêndio híbrido, que reúne ensaio, poesia e arte visual, Anne Carson – reconhecida por desafiar a erudição clássica e as estruturas literárias tradicionais – aborda temáticas como a sintaxe do corpo, a dialética entre a prática desportiva e o exercício criativo, e a tensão existente entre o etéreo e o racional na arte. Se, por um lado, a incontestável fortuna cultural da escritora está evidente nas referências que transitam de Eurípides a Monty Python, e de Heidegger a Marilyn Monroe; por outro lado, a publicação de elementos textuais e visuais distintos, apresentados ao início de cada capítulo, atuam como testemunhos de um percurso não-linear, construído sobre a aceitação da incerteza como potência criativa. Imagens de *facsimile*, desenhos, rascunhos, traços, rabiscos e riscos que compõem o processo criativo e biográfico de Carson corroboram para compor uma obra centrada na experimentação e na dessacralização da autoria da *escritura*. Penso que essa multiplicidade reflete a fluidez das transições, transformações e vulnerabilidades inerentes à experiência humana. Ao deslocar significados fixos, a autora, cuja obra oscila entre o clássico e o experimental, abre espaço para vozes marginalizadas e para uma reescrita crítica da tradição literária.

O texto-prólogo *1 = 1* convida à imersão no universo carsoniano de *Wrong Norma* (2024). Dividido em nove parágrafos, o texto de Carson transmuta o gesto desportivo em sintaxe através da relação dialética entre exercício físico e poético. Anne Carson é a narradora-observadora que relata um dia da vida de uma mulher anônima. Pela manhã, a mulher caminha até o lago para praticar natação e, tendo chegado ao seu destino, avista um homem a brincar com o cão. Figuras passageiras na composição do cenário, a dupla desaparece repentinamente. Já sozinha, a mulher concentra-se na sua prática desportiva, ao mesmo tempo em que reflete sobre a relação entre o movimento do corpo e da água, entre o exercício físico e mental e sobre a consciência de si mesma, “one of the most selfish person she has ever known.” De volta ao lar, a serenidade da personagem é desafiada pelas notícias e imagens de guerra que estampam a primeira página de um jornal, evidenciando a dissonância entre o refúgio íntimo e a realidade social. É então que desce as escadas para encontrar Comrade Chandler, com quem

mantém uma relação amistosa. Ex-presidiário e homem de poucas palavras, Chandler concentra-se em desenhar a giz. Ao final do dia, a mulher é surpreendida pela presença de Chandler à sua porta, que lhe traz um presente inesperado: o desenho de uma raposa a nadar no lago.

A simplicidade aparente do título $1 = 1$ é o ponto de partida para a escritora canadense construir uma poética de reflexão que subverte a rigidez das estruturas clássicas e a linearidade do conhecimento. Ainda que o anaforismo de *one* possa ecoar uma lógica algébrica e purista – seja pela associação aos processos de composição da palavra, seja pela binariedade da relação entre signo e significado –, a desconstrução da tautologia sugerida pelo título progride conforme os contrastes são evidenciados ao longo do texto. Carson ecoa a crítica foucaultiana ao projeto racionalista da *mathesis*, desconstruindo a inflexibilidade da linguagem matemática para metaforizar o colapso do sistema epistemológico e confrontar outras formas de expressão clássicas, como a pintura e a própria escrita.

Na composição do quadro visual – onde figuram o lago, o homem e o seu cão – e na contemplação de Comrade Chandler a pintar, a mulher de $1 = 1$ representa o elemento que detém o poder. Muito embora essa construção seja corroborada pelo domínio do campo visual ou pelo absolutismo do espaço, essa autoridade é temporária. A performance dessa mulher é renegociada à medida em que os movimentos – externos ou internos – se alteram no espaço social ou na *natureza selvagem*. Com um olhar crítico e consciente do cenário e dos demais elementos que o compõem, a personagem descreve a performance que se apresenta diante dela. A repetição dos gestos não afeta o comportamento do cão, isento de demonstrações de cansaço ou de qualquer outro sinal de fadiga. Cabem aqui duas reflexões. Na primeira, considero que o cão de $1 = 1$ escapa à taxonomia cartesiana proposta por Foucault devido a sua condição não-humana, estabelecendo uma conexão com o “homem selvagem”, perturbador da ordem clássica. Na segunda, penso que Anne Carson refere-se à própria hesitação, como a que confessa sentir diante do quadro *El Perro*, de Goya, ou diante da execução do próximo movimento – na natação ou na escrita.

Tal qual a imagem do cão semi-submerso de Goya situa-se no limiar da visibilidade e do abismo, o ato filosófico e poético de $1 = 1$ é uma escrita que oscila entre formas literárias, recusando uma linearidade. Está circunscrito na esfera da hesitação, como um movimento de suspensão, que desestabiliza, questiona e reescreve. A escrita de Anne Carson em $1 = 1$ é, portanto, uma desconstrução formal, um exercício de vulnerabilidade, de registro e de denúncia de si mesma: uma poética da imperfeição. Todavia, afastada do enigma da criação artística como um ato mediúnico, influenciado por forças metafísicas, a escritora encara o ato criativo como um exercício metódico de engenhosidade. Na antítese entre as ideias de simetria perfeita e da água como referencial da realidade, representando movimento e liquidez, Carson subverte a aparente obviedade do título. Dado que o mecanicismo cartesiano é essencialmente reducionista, é necessário

mergulhar na fluidez natural da realidade, assumindo a prática desportiva como metáfora da escritura e a nadadora – autorreferenciada – como artífice do erro.

Rejeitando a ideia de “obra perfeita” ou “fechada”, *Wrong Norma* (2024) assume que a falha, o desvio e a reinvenção acompanham a obra por toda a sua jornada. Ao negar o texto pelo próprio texto, a escritora instaura uma tensão entre precisão e colapso, resultado e processo, onde o erro não configura mera oposição ao acerto, mas um princípio estético que desestabiliza normas literárias, históricas e de gênero. Como artífice do erro, Anne Carson manipula a sintaxe de $1 = 1$ para transformar hesitações, desvios e incongruências em matéria-prima para a criação literária. Tendo em consideração os motivos apresentados – e tantos outros mais! – recomendo avidamente a leitura de $1 = 1$, tantas vezes quantas forem necessárias.

NOTA

* Sílvia Wichan é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (UPorto/FLUP/CLML). Licenciou-se em Letras (ramo de Língua Portuguesa e Inglesa), na Universidade Estácio de Sá/Universidade de Coimbra. Em 2020, concluiu o Mestrado em Estudos Lusófonos na Universidade da Beira Interior, em Portugal. As suas áreas de interesse são a Literatura Comparada e os Estudos Interartísticos, estando neste momento a desenvolver trabalho de articulação nessas áreas na sua tese de doutoramento.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da investigação realizada no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., e no âmbito da Bolsa de Doutoramento UI/BD/154526/2022.